

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Andreli Dalbosco

**O jogo reinventando modos de existir:
espontaneidade, Infância e brincar com gênero**

Porto Alegre
Inverno de 2022

Andreli Dalbosco

**O jogo reinventando modos de existir:
espontaneidade, Infância e brincar com gênero**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de psicóloga pelo Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientado pelo professor Luis Artur Costa.

Porto Alegre
Inverno de 2022

para todas as crianças: às que estão pelo tempo cronológico; às pequenas e às grandes; às abandonadas e às acolhidas depois; às que não cresceram; às que sentem que não podem ser crianças; às que estão com dificuldade de crescer; às que não se encaixam; e, especialmente, àquelas que ainda sonham e acreditam; **e para todas as pessoas que se permitem brincar.**

Quando abri um arquivo para começar o tcc, achava eu que começaria pelos agradecimentos. Porém, sempre que começava, sentia que não daria conta de nomear tantas pessoas importantes que colaboraram com esse trabalho e com minha caminhada até aqui. Quando estava quase concluindo o trabalho, pensei que não escreveria agradecimentos dessa vez. Porém, no dia que decidimos quem comentaria essa escrita, soube que não poderia deixar de registrar palavras de amor e de graça. Em primeiro lugar, eu agradeço quem sou e de onde vim, esse trabalho também é sobre reverenciar minha capacidade de brincar que foi a descoberta mais importante em oito anos de psicologia, na minha segunda vez na universidade.

Graças ao Luis Artur eu consegui escrever um trabalho que não me stressou e que até me deu espaço para criar e me divertir; a escolha acertada dessa orientação eu devo a Thaís, que além da importância enquanto inspiração profissional e amiga pessoal, também aceitou o convite de comentar e colaborar com esse processo, que aqui aparece só como um resultado final, porém ela esteve presente em todas as fases dessa construção; amiga, jamais conseguirei expressar tanto amor.

Sou grata diariamente às pessoas que compõe a minha preciosa rotina, especialmente ao meu companheiro de vida, memes e risadas: o Adão; às companheiras de caminhada, de sadhana: Gabi Casartelli, Samuca, Ellen e Fran, aqui nomeadas, mas também representando toda uma comunidade que me acolhe em suas vidas diariamente, que é a sangha do Mysore Yoga POA. Falando nisso, não poderia deixar de agradecer as minhas profas maravilhosas que abriram seus corações e sua escola para mim: Martina e Valentina, me sinto honrada todos os dias. De novo, à Gabi Casartelli por ter apostado em mim em tantos níveis criativos que nem ela sabe.

Ao povo mais dramático que conheço (no melhor sentido da palavra) eu agradeço por, através do psicodrama, me fazerem sentir que posso ser eu na psicologia e no mundo: minhas profas Marta, Lígia e Silvana e a turma do riso frouxo: Flavi, Fredi, Luísa, Fernando, Marina, Poly, Luty, Maiara, Eliana, Cris e Pedro.

Às outras amigas psis pela companhia, paciência e ajuda nos perrengues universitários: Ana Karoline, Roberta, Layla, Kellen, Nicole Barros, Nicole Silveira, Grigo, Britz, Jordan, Gabriel e Pedro, eu não teria conseguido sem vocês.

Sou grata às amigadas que fiz enquanto trabalhava ao longo desses oito anos, especialmente à Naomi que construiu comigo planos de fuga, de sonhos e de uma vida melhor. À Mari, pela presença vibrante e tantas trocas sensíveis e verdadeiras. Às minhas bibliotecárias favoritas: Clarissa, Lily e Loiva, vocês me ensinam sobre a simplicidade e o poder da amizade. À Ana e à Cissa por sempre confiarem que eu também vou poder. À Cecília, pela presença constante e por ter assumido as comemorações deste momento tão importante para mim.

E tudo isso só é possível porque um dia eles me colocaram no mundo e confiaram que eu faria alguma coisa com isso: Ademir, Marli, Ismael, Bianca, Giovanni e Gisele, eu sou porque vocês são! Obrigada, família, por apostar em mim, mesmo sem entender.

BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE

Compositores: Milton Nascimento / Fernando Brant

*Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu Coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito,
Caráter, bondade, alegria e amor*

*Pois não posso, não devo, não quero
Viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão*

*Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão*

resumo

A proposta deste escrito parte da experiência de estágio com grupos de crianças em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) em uma Associação de Moradores de um bairro da periferia de Porto Alegre. A partir de questões observadas no estágio em psicodrama se busca estudar a Infância e o brincar como potência para deslocar e ressignificar os estereótipos e essencializações de gênero que limitam o poder da Infância, conceito de Renato Nogueira (2019). A concepção de Infância é articulada com a noção de espontaneidade, conceito vital da teoria moreniana que fundamenta as práticas psicodramáticas. A metodologia é embasada na simplicidade da política do narrar, que se utiliza da ficção como estratégia expressiva que enseja um brincar, para tensionar, deslocar e problematizar nossas práticas e estudos (Costa, 2020): ficcionar aqui é assumir um estado de infância a brincar com nossos modos de narrar o mundo para nós mesmas. Ao longo do trabalho utilizo do meu encontro com minhas memórias e experiências de brincar, além de também brincar ficcionalmente a partir de vivências em grupos de psicodrama: a memória dos meus brincares serve de campo de afetações a partir do qual experimento a construção dos conceitos aqui trabalhados. Tal experimentação poético-ficcional na qual minha infância e minha prática profissional se encontram, serve para evocar e provocar afetos de modo a problematizar a prática psicodramática em seu encontro com nossos jogos de construção e prescrição das performances de gênero: se trata de brincar com os dispositivos teóricos e com nossa experiência de gênero de modo a facilitar uma potência de Infância capaz de questioná-los e reinventá-los.

Palavras-chave: Infância; gênero; brincar; psicodrama.

sumário

1 intro.....	7
<i>“Brincar era tanto ordem quanto mandamento, brincar era a regra e brincar era a maneira de exercer a desobediência, o brincar era a norma vivente da Infância. Viver era sinônimo de infância e brincadeira.” (Renato Noguera, 2019).</i>	7
2 encontros	9
<i>“Crianças têm o céu no alcance das mãos.”</i>	9
<i>(Emicida & Gilberto Gil, 2020)</i>	9
2.1 encontro com crianças	9
2.2 encontro com gênero	12
3 brincar é político.....	19
<i>Adulto: pessoa que em toda coisa que fala, vem primeiro ela. (8 anos); criança que cresceu muito. (8 anos); pessoa que fica obcecada em fazer amor. (11 anos); quando uma pessoa está morta. (8 anos).</i>	19
<i>(Trechos do livro ‘Casa das estrelas’, 2013).....</i>	19
3.1 brincar com gênero	20
3.2 brincar para transformar ou transformar brincando.....	27
4 por ora... ..	31
<i>Espírito é o aparelho que uma pessoa tem e que não sai num livro de ciências. (10 anos).</i>	
<i>Espírito é o que exerço todos os dias (11 anos).</i>	31
<i>Espírito é o que precisamos para sobreviver na violência. (11 anos).</i>	31
<i>(Trechos do livro ‘Casa das estrelas’, 2013).....</i>	31
referências	33

1 intro¹

“Brincar era tanto ordem quanto mandamento, brincar era a regra e brincar era a maneira de exercer a desobediência, o brincar era a norma vivente da Infância. Viver era sinônimo de infância e brincadeira.” (Renato Nogueira, 2019).

A proposta para esse trabalho surgiu da experiência de estágio com grupos de crianças em uma Associação de Moradores de um bairro da periferia de Porto Alegre. A associação civil sem fins lucrativos, tem como objetivo reivindicar melhoramentos e buscar o desenvolvimento sócio-cultural de seus moradores. Ela também atua como Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) que é um dos serviços oferecidos no nível da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Como moradora do centro da cidade, eu precisava pedalar cerca de 19 km para ir e voltar do serviço. Quando me sentia esgotada dessa tarefa pegava um único ônibus que me deixava em uma rua principal e movimentada e isso fazia com que eu tivesse que caminhar até o beco onde o serviço estava localizado. Eu tinha a oportunidade de me demorar e perceber melhor o território, a escola, o mercadinho e a forma de vida da vizinhança, dando bom dia eventualmente aos familiares das crianças com as quais eu convivía.

A Associação tem um prédio de dois andares onde ficavam as salas dos coletivos, onde as crianças eram divididas, mais ou menos, por idade, e também um grande galpão com salas maiores, onde ocorriam os grupos, mas também aconteciam as festas e encontros da comunidade. No mapa, os becos e acessos da região são identificados apenas por números e os novatos tinham dificuldade de se localizar. O endereço era a continuação de uma rua grande, mas na parte do serviço apenas um carro passava por vez, a partir dali se abria uma grande teia de possibilidades de caminhos e atalhos entre becos e vielas. Mas dava sempre certo, pois o google mapeia até os acessos mais estreitos.

A partir de questões observadas nesse estágio em processos clínicos por meio de práticas psicodramáticas se busca refletir aqui a Infância e o brincar como potência para resistir às imposições e à essencialização dos estereótipos de gênero prescritos socialmente, que podem limitar e violentar o potencial de expressão e de expansão da Infância. Importante ressaltar que parto aqui do conceito de Infância elaborado por Renato Nogueira (2019), que embasa a ideia

¹ Tomei a liberdade de brincar com as normas bibliográficas. Como ex-bibliotecária quis usar dos meus conhecimentos de normalização de documentos para misturas as abntes e apas da vida. Como levo a brincadeira muito a sério não há de ficar confuso ou desorganizado, apenas fiz as misturas que achei mais bonitas para a formatação do meu TCC. Não se preocupem, citações e referências são todas verídicas e conferem.

de que a Infância tem um poder organizador em nível macro, inclusive para além do tempo cronológico de fase do desenvolvimento, como geralmente é estudada: este conceito será articulado com a noção de espontaneidade, ideia vital da teoria moreniana que fundamenta as práticas psicodramáticas.

Como uma pessoa que se apaixonou pelo trabalho com crianças, o objetivo deste artigo é contribuir com uma leitura sobre o poder da Infância: para além de ver as crianças como seres vulneráveis - que necessitam, sim, de proteção e cuidado - mas, também, como seres que têm voz ativa sobre suas necessidades e as necessidades da sociedade que são também essenciais para seu crescimento global. Os objetivos mais específicos seriam: tensionar os profissionais e famílias para incluir a Infância e suas contribuições, ou seja, escutar as demandas e ideias das pequenas na sua rotina e na rotina da comunidade que fazem parte; possibilitar reflexão às pessoas adultas para pensar o quanto de brincadeira elas conseguem incluir na sua vida profissional e pessoal, alimentando, assim, sua espontaneidade, elemento fundamental de saúde; e provocar um brincar, um relaxamento em relação a forma como permitimos – ou não - às crianças expressarem e jogarem com seu gênero. A ideia é dar algum suporte ao trabalho com crianças, que se pautem por uma ética não cisheteronormativa, feminista e antirracista, livre de estigmatizações e diagnósticos demasiados. Salientando abordagens não ocidentais que vêem as crianças e os adultos dotados de Infância (de espontaneidade) como possibilidade de guia para o viver em coletivo de forma mais saudável e equilibrada, ou seja, educar e aprender com as crianças, de forma mais livre, com menos repressão e controle.

2 encontros

*“Crianças têm o céu no alcance das mãos.”
(Emicida & Gilberto Gil, 2020)²*

A metodologia é embasada na simplicidade da política do narrar, que se utiliza da ficção como estratégia expressiva que oportuniza um brincar para tensionar, deslocar e problematizar nossas práticas e estudos:

Assim, reservaremos aqui o uso da ficção como metodologia na Psicologia Social (COSTA, 2014) para uma política específica do narrar a qual afirma uma ético-estética voltada ao deslocamento, vertigem, incômodo, variação, problematização, delírio, etc. Trata-se, assim, de uma política do narrar que assume como objetivo não a pretensa reprodução-representação dos nossos modos de ser, mas sim o tensionamento dos nossos modos de ser, dizer, pensar, ouvir, ver, fazer, etc... (Costa, 2020, p. 193-194).

Ao longo do trabalho utilizo do meu compartilhar no encontro com as crianças e também no encontro com minhas memórias e experiências de brincar. Brinco também de criar histórias a partir das vivências nos grupos de psicodrama³, dando vida às nossas criações durante as sessões: os nomes são fictícios e a veracidade dos fatos questionável. Tal experimentação poético-ficcional na qual minha infância e minha prática profissional se encontram, serve aqui para evocar e provocar afetos de modo a possibilitar problematizações sobre a prática psicodramática em seu encontro com nossos jogos de construção e prescrição das performances de gênero: se trata de brincar com os dispositivos teóricos e com nossa experiência de gênero de modo a facilitar uma potência de Infância capaz de questioná-los e reinventá-los.

2.1 encontro com crianças

Esse conceito de Infância com i maiúsculo me capturou de tamanha maneira, que ajudou a entender o meu regozijo em me encontrar com as crianças e a minha sensação de estar criança novamente (ou ainda). Quando estou com as crianças me sinto inteira. É como se estivesse ligada a um fio que me conduz com interesse a uma fonte de criatividade, ou para usar um clichê, à fonte da vida. Elas são diretas e espontâneas de uma forma leve e estão pulsando de entusiasmo e alegria, mesmo quando algo as incomoda é mais fácil retornar a esse exercício

² Música “É tudo pra ontem” Emicida & Gilberto Gil (2020).

³ “O Psicodrama é um método de investigação e transformação psicossocial mediante a ação. [...] É uma forma de trabalhar as relações interpessoais ou as questões subjetivas de um indivíduo, de maneira terapêutica, pedagógica e investigativa. Seu campo de ação é a intersecção entre o individual e o social, pois focaliza o indivíduo no exercício das suas relações.” (IDH, 2019, *online*). Fonte: <https://www.idh.com.br/psicodrama>

ético-estético e lúdico-existencial do brincar que permite promover tal potência de vida, pois as crianças também sofrem e se esgotam, entristecem e colapsam, mas estão mais sensíveis a possibilidade de fazer a escolha para o brincar como forma de viver. É como se estivessem mais perto da espontaneidade, se ela pudesse ser localizada, e se utilizam do jogo para facilmente se embelezarem.

É talvez devido a esta afinidade profunda entre a ordem e o jogo que este, como assinalamos de passagem, parece estar em tão larga medida ligado ao domínio da estética. Há nele uma tendência para ser belo. Talvez este fator estético seja idêntico àquele impulso de criar formas ordenadas que anima o jogo em todas as suas configurações. As palavras que empregamos para designar seus elementos pertencem quase todas à estética. São as mesmas palavras com as quais procuramos descrever os efeitos da beleza: tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. O jogo vincula e desprende. Fascina. Ele conjura, quer dizer, cativa. Está investido das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia. (Huizinga, 2007, *online*).

Quando sou parte de um grupo de crianças, me deixo transportar para esse lugar onde brincar é a coisa mais importante que há, onde há espaço para outra dinâmica de regras, controle e preocupação, ou seja, um espaço no qual as regras são levadas a sério durante a imersão do jogo, mas estão, também, sempre abertas, ou seja, podem se rearranjar, se negociar, se explorar para que sempre possam proteger e promover o próprio brincar, e não apenas para reprodução de conservas sociais cristalizadas. “Mas, assumir que acriançar-se é, ao mesmo tempo, uma decisão e uma dádiva. O acriançar-se está nas pequenas e grandes coisas. Por isso, não falamos de oposição a alguma coisa.” (Noguera, 2018, p. 9).

Portanto, ao longo desse escrito se questiona o sentido pejorativo do infantil, do inacabado na infância e, pelo contrário, se projeta uma possibilidade de pensar que as crianças são detentoras de algo importante e que podem nos ensinar, inclusive, sobre as discussões de gênero e sexualidade. Afinal, elas participam, se afetam e estão envolvidas com esses embates tanto quanto nós, adultas. Para além disso, quer se pensar a Infância como algo muito maior do que sua esperada produtividade enquanto futuros adultos (seja profissão, gênero, papéis sociais...), mas sim vivê-la em função do presente, olhando para as crianças como seres completos e potentes, cheias de criatividade e possibilidades para oferecer. Encarar a Infância como uma potência política capaz de forçar intervenções, acessar delírios e sonhos e tomar posição diante da escolha binária entre brincar-jogar e trabalhar-competir.

Infância aqui remete a incertezas naturais, ao reconhecimento de que nosso conhecimento é limitado. O fim da presunção de que temos respostas para tudo. Infancializar é justamente assumir que um mundo de bem-estar coletivo começa com o reconhecimento de que não somos capazes de obter todas as respostas diante de todos os desafios e nenhuma tradição

pode ser fiadora das respostas mais “profundas”. Em outros termos, “infância é a experiência de percorrer caminhos” (Nogueira, 2017a, p. 365) percebidos por sentidos potentes que enxergam, ouvem, tateiam, saboreiam e percebem odores que não estão disponíveis ordinariamente. (Nogueira & Barreto, 2018, p. 640).

Nogueira (2019) propõe o conceito positivo de infancializar (não infantilizar) através da afroperspectiva, indo na contramão de se tentar retirar a infância da pessoa para considerar que ela seja madura, útil e completa. Através dessa perspectiva, não tem sentido esperar a pessoa crescer com a finalidade de ser produtiva, na verdade se considera que nascemos para viver, criar, experimentar e ser, independentemente da idade cronológica que temos e dos trabalhos que desempenhamos.

As políticas contemporâneas são artimanhas de disputas, sempre gestadas em perspectivas de corrupção, do racismo estrutural, do sexismo opressor, da heteronormatividade, do adultocentrismo e outras formas de dominação e opressão. Com isso, vale ressaltar que afirmar que frequentar a Infância não é uma panacéia que acaba com os conflitos. A Infância nos ajuda a conviver com os conflitos, com a generosidade de quem assume que o mistério da vida não precisa ser resolvido por meio de controle, mas, tão somente aceito como somente uma dádiva. (Nogueira, 2019, p. 138).

Durante esse estudo pude rever a minha Infância que continua me habitando quando pedalo, danço, mergulho, questiono, tento colocar os pés atrás da cabeça e sigo me divertindo. Mesmo cheia de contradições, a Infância precisa de adultos que se lembrem que são crianças que cresceram. No trabalho com as crianças gosto de me impressionar com a esperteza e não com a inocência, com a complexidade e não com a simplificação; me impressiono com as perguntas, as lógicas que criam, as brincadeiras. “Falta brincadeira em tudo [...] o brincar é o modo que a gente tem de organizar o nosso mundo” (Rhoden, 2014). Ser criança é poder brincar, e brincar é como uma ética de vida. Então a Infância é o poder, a potência do brincar aplicado a vida de todas. Brincar com os elementos da natureza, com as regras, com os papéis; brincar permite negociação, colaboração, criatividade, curiosidade, pesquisa, promove viver a diversidade e construir uma unidade.

[Jogar] ornamenta a vida, ampliando-a e, nessa medida, torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, a suas associações espirituais e sociais, em resumo, como função cultural. Dá satisfação a todo o tipo de ideais comunitários. (Huizinga, 2007, *online*).

2.2 encontro com gênero

Algo imediatamente perceptível no trabalho com as crianças é a importância da generificação que já as cerca completamente desde antes de nascer. Embora para mim, uma criança cis branca criada no interior de uma cidade do interior, o gênero só entrou com essa importância na adolescência quando eu achava uma chatice que as meninas jogavam vôlei e os meninos futebol. Antes disso, tive o privilégio de brincar livremente com muitos primos e primas, desde boneca e casinha até carrinho e futebol, passando por bicicleta, muito ar livre e brevemente pelo videogame do meu irmão. Mas, retoricamente questiono, será que meus primos e irmãos brincavam de boneca? O gênero já se performa para as crianças muito antes do nascimento, uma conserva cultural muito bem solidificada, e elas sabem exatamente o que e como elas devem gostar e se portar para se enquadrar no limitante dual rosa e azul; brincadeira de menino, livro de menina; fantasia de princesa, fantasia de super-herói. O projeto Rosa e Azul da fotógrafa JeongMee Yoon ilustra perfeitamente o efeito que o marketing tem na percepção da identidade de gênero pelas crianças (Carvalho, 2018):



O gênero aqui se apresenta como uma problemática no sentido de que as crianças vivem nessa sociedade em que antes mesmo delas nascerem já se espera uma determinada performance em relação a ser menina ou menino, o que sair deste esperado é um causador de contrariedade e sofrimento. São muito comuns interpelações de cuidadores corrigindo a performance de gênero: “senta como uma menina!”, “homem não chora” ou elogios prontos onde as meninas são bonitas e princesas e os meninos são fortes e heróis. Sendo que tais imperativos, muitas vezes, vêm marcados pela misoginia característica da lógica patriarcal e

cisheteronormativa de nossa sociedade. Para além destas intervenções, somam-se os processos de socialização entre pares, nos quais se estabelecem muitos jogos de reiteração das prescrições de gênero na sociedade: jogos marcados por deveres a serem alcançados (ideais de gênero) e interditos a serem evitados (as dissidências/variações da performance dos gêneros). Sendo assim, pensando no caráter dinâmico da Infância, da espontaneidade e na necessidade significativa que o brincar tem para elas, limitar a possibilidade de ação por causa de uma construção compulsória cisheteronormativa e patriarcal seria limitar a sua potência de vida e experimentação no mundo, que definitivamente não tem palco apenas na primeira década de vida.

Então, por que não pensar as variações de gênero na infância como mutáveis e não como fixas ou deterministas, já que se tratam de experimentações próprias da infância [...]? O que estamos considerando como normal e como anormal na hora de diagnosticar? Quais as consequências disso nas infâncias que estão se passando/vão se passar nesse contexto de captura de gestos, comportamentos, sentimentos e brincadeiras? Essas questões deveriam nortear o cotidiano de todos que trabalham com a infância (Baratto & Machado, 2017, p. 6).

O disparador para toda essa discussão foram os grupos no SCFV que aconteciam uma vez por semana, com duração de 1h15min nos meses de agosto a dezembro de 2021. Esse grupo em específico era composto por nove crianças, de 6 a 8 anos, e duas estagiárias, de 26 e 30 anos. Primeiramente, tínhamos um momento de aquecimento da diretora e da ego-auxiliar e, em separado, das crianças. Por muitas vezes ele era proposto pelas próprias crianças e sem uma definição delimitada, pois elas geralmente já chegavam bem aquecidas e agitadas. Depois, tínhamos o jogo ou a dramatização em si dependendo da brincadeira que elas propunham (no grupo que trago aqui passamos por futebol, pintura/desenho, pega-pega, casinha, comidinhas com massinha, cabeleireira, avião, polícia e ladrão, dança...). Os jogos de performance de gênero estavam quase sempre presentes no que encenávamos. Quando se dividiam entre jogos de menina e menino ou quando se temia ultrapassar essas fronteiras. Contarei aqui algumas histórias para vocês darem corpo às minhas palavras. Brincar entre meninas ou junto dos meninos, assim como o medo de quebrar as regras do jogo de gênero, são alguns elementos que podemos acompanhar nas seguintes cenas:

Hoje os meninos não vieram, o que nos proporcionou uma maior liberdade e por isso vamos viajar todas juntas. Na verdade, vamos acompanhar a Grazi em uma viagem a trabalho para a Austrália, ela é uma cabeleireira de muito sucesso. Então somos seis amigas viajando de avião. Aparentemente de primeira classe, pois estamos sendo servidas com muitos quitutes e cafés caros. De repente, tudo escurece e a aeromoça pede, inutilmente, que fiquemos calmas.

A amiga do meu lado está me acalmando, mas fico com muito medo, o avião parece que vai cair. Alguns segundos de gritos e desespero geral e então as luzes voltam e continuamos nosso voo tranquilamente. Isso se repete algumas vezes e foi assim que pela primeira vez esse grupo de amigas passou por um perrengue juntas o que fortaleceu a nossa amizade.

Algumas semanas depois nos encontramos para dançar, os meninos estavam dessa vez, não sabia, mas os meninos são muito tímidos. Ficaram com medo de dançar conosco. Ainda bem que as meninas são mais soltinhas e amaram as músicas que estava tocando. Um dos meninos até ensaiou uma participação quando tocou 'Vamos pular' de Sandy & Júnior. Ficamos tão inspiradas que depois fizemos uma oficina de arte e pintamos muitas paisagens e pessoas, os meninos acabaram participando dessa parte. Eles também gostaram de expor suas obras de arte e recebemos muitos elogios.

Outras muitas vezes, o jogo de gênero expõe sua pior face: a desigualdade patriarcal. Neste jogo, caberia às meninas cuidar (das pessoas, das coisas, do lar, etc.). Já aos meninos, por sua vez, caberia o jogo de competição viril para medir quem está mais próximo do ideal de masculinidade que sonham um dia alcançar. Já às meninas caberia o papel de serem doces e delicadas. Mas e quando elas se revoltam contra as injustiças das desigualdades destes jogos patriarcais?

Na nossa primeira exposição de arte, um caos se instaurou, parece que nunca tínhamos visto tantas tintas antes. Fizemos grandes desenhos e pinturas, abstratas especialmente, porém sujamos totalmente o nosso ateliê, e obviamente foi um problema na hora de limparmos. Fiquei impressionada do quanto fiquei estressada pelo fato de não termos cuidado do nosso próprio ambiente de trabalho. Os meninos não ajudaram a limpar, ficaram fazendo corpo mole. enquanto nós, meninas, assumimos a bronca e torcendo panos e varrendo deixamos a sala um brinco, ainda tive que ouvir que as meninas estão sempre tristes, mas na verdade eu estava uma fera.

Queriam me expulsar do futebol. Justo eu, nascida e crescida no ambiente mais futebolístico deste país do futebol. Grande artilheira desde os meus mais tenros anos, tudo porque deixei a amiga Grazi ficar no gol. O menino metido a capitão do nosso time disse que ela não sabia jogar. Já foi difícil convencê-la a jogar. Ele é bem competitivo, ele acabou brigando também com o melhor amigo dele por ter deixado um gol passar. Futebol é coisa séria.

As coisas tem ficado intensas, hoje houve um assalto e uma das amigas ficou muito desconcertada com o tamanho da gritaria e da confusão. Tínhamos seguranças especiais entre as meninas, eu não sabia, mas Léa é extremamente forte e nos defendeu com unhas e dentes e

acabou prendendo o ladrão. Mas a amiga ficou um pouco impressionada com o desempenho da Léa e achou que não era adequado para uma menina trabalhar com algo tão agressivo. A perseguição aos ladrões foi realmente vigorosa, uma gritaria, até quem não estava envolvido parou para ver a perseguição. Os ladrões acharam que essa amiga reclamona estava sendo muita chata, pois foi um ótimo agito que causaram. Acho que ela ficou nervosa, eu me diverti muito apesar de terem levado meu dinheiro, acabei me envolvendo no corre-corre para tentar recuperar meu patrimônio. Léa acabou presa, tive que contratar uma advogada para libertá-la. Os ladrões queriam muito dinheiro para fazer uma chuva de notas no meio da rua, acreditam?

Após o momento do brincar/encenar, reservávamos algum tempo para sentar em roda e compartilhar como nos sentimos no grupo. Em relação às dramatizações trazidas pelas crianças, experimentamos na prática o exercício e o treinamento de papéis o tempo todo. As brincadeiras permitiam que nos colocássemos em situações fantasiosas, trabalhando os arquétipos: como bruxas e monstros, por exemplo; mas também atuando em papéis da realidade, como os profissionais e os psicodramáticos: cabeleireira, polícia, ladrão, aeromoça, filha, mãe, amiga, irmã, avó...

Destacamos que a constância nas atividades, a definição clara no desempenho dos papéis sociais e grupais e o rigor no respeito aos critérios do contrato terapêutico, elaborados e firmados pelas partes envolvidas no processo, quando do início do atendimento, foram e são aspectos essenciais para o nascimento e a manutenção de relações télicas entre as crianças e as terapeutas, capazes de gerar modificação na dinâmica dos papéis. Assim, as crianças conseguem identificar que o espaço físico da sala do sociodrama se transforma num espaço seguro, protegido para trabalhar as questões emocionais, relacionais e afetivas, a partir da reunião deste grupo. Percebem também que, deste trabalho, surgem alternativas para administrarem conflitos, expressarem os sentimentos, os desejos, as necessidades e para desenvolverem zelo na relação com o outro. (Pinto, Lima & Costa, 2008, p. 141).

Nesses jogos de papéis neste grupo, me marcaram muito as questões de gênero que apareceram muito nítidas. Foi o único grupo misto em anos no serviço e foi muito rico colocar as meninas e os meninos para brincar juntas. Por exemplo, quando dançamos, os dois meninos presentes ficaram mais tímidos e não se entrosaram muito; quando jogamos futebol, por várias vezes, apenas os meninos quiseram jogar e nunca todas as meninas jogaram; a limpeza da sala era sempre feita pelas meninas - até o último grupo onde um menino por conta própria passou pano no chão sujo de tintas.

Eu nasci e cresci na região rural de uma pequena cidade no interior. Portanto, brincar em grupos era a minha realidade, eu tinha muitos primos e primas e todos na comunidade se conheciam, então a segurança não era uma questão de preocupação para as famílias. Tive uma

infância de liberdade que talvez não seja possível nos grandes centros urbanos atualmente, embora nas vilas ainda seja comum grupos de crianças compartilharem jogos e rotinas, para além da escola. Com meus primos eu tinha uma rede de confiança, crianças de todas as idades que se cuidavam entre si e que aprendiam juntas. Muitos meninos brincavam com meninas e muitas meninas brincavam com meninos. O ponto de conexão: a natureza. O açude. A sanga. O potreiro. As ovelhas. O fumo. A serragem. A árvore. A terra. A grama recém cortada. Ou seja, a natureza não tem gênero, é mais difícil de separar grupos quando o objeto do brincar é tão diverso e democrático em si mesmo.

Outra coisa que me deixou curiosa no estágio foi o quão habituadas as crianças estavam a brincar em grupos de meninos e meninas separadamente, e isso me assustou. Não só no estágio, mas trabalhar numa escola me permitia observar o quanto a homogeneização dos grupos é algo aplicado para facilitar o trabalho dos adultos. Pensei que era algo que vinha diminuindo com o passar do tempo, mas a verdade é que o gênero compõe grande parte de como as brincadeiras se organizam e se desenvolvem. Em uma das primeiras sessões uma menina se apavorou quando brincávamos de polícia e ladrão dizendo que aquilo era muito agressivo e que iríamos nos machucar e nunca mais os pais deixariam elas irem para o grupo.

Estes papéis de fantasia, atuados no plano da fantasia, parecem oferecer a algumas crianças experiências estruturantes da sua matriz de identidade. Ou seja, com estes papéis, as crianças adquirem o sentido de proximidade e de distância, à medida que a atuação do papel oscila entre a fantasia e a realidade. Com esta aquisição, elas vão administrando as emoções relacionadas às forças de atração e repulsa, cujo reflexo social indica a emergência do fator tele, por Moreno. (Pinto, Lima & Costa, 2008, p. 146).

Uma parte importante do trabalho com psicodrama é saber compartilhar como nos afetamos. E por vezes tive dificuldade de perceber nitidamente o que sentia, especialmente quando o assunto é distinguir tristeza, frustração ou raiva. Mais do que isso, existem sentimentos misturados, inclusive de culpa: “não posso sentir raiva! Que horror! Vou trocar isso por qualquer outra coisa.” Nesse grupo ouvi mais de uma vez as meninas dizendo que não poderiam sentir raiva ou que era melhor guardar a raiva, pois para elas a raiva está sempre associada à agressividade e à violência, como se essa fosse sua única forma de manifestação, como realmente ocorreu no grupo em alguns momentos. O inverso também apareceu, os meninos com dificuldade de demonstrar tristeza. No dia do grupo mais caótico, falei que tinha ficado triste e ouvi de um dos meninos que é assim mesmo: “as meninas sempre ficam tristes”. Quando questionei sobre ele sentir tristeza, ele disse que nunca fica triste! É possível que a

tristeza desse menino seja todinha expressada como raiva, pois ele não tem permissão de entristecer.

A partir do exposto, vemos que os discursos acadêmicos das mais diversas áreas tomam como natural um sexo biológico e uma expressão de gênero correspondente a esse sexo sem problematizar essa naturalização. A norma, enquanto linha imaginária que estabelece o que é normal e o que não é, está posta e sendo repetida como uma verdade imutável. O normal, segundo estas produções, está em ser homem, cissexual e heterossexual, e mulher, cissexual e heterossexual. (Baratto & Machado, 2017, p. 4).

A cristalização da performance de gênero oferece poucas opções para as crianças se expressarem e se manifestarem. Meninos são agressivos e meninas são passivas, e acabamos reproduzindo isso o tempo inteiro se não ficarmos atentas. As crianças são extremamente adaptáveis, flexíveis, curiosas, famintas por aprender, é preciso deixar espaço para o gênero também poder permear o campo desconhecido que é crescer e amadurecer. Ressalto aqui o poder de trabalhar com grupos mistos, é muito comum se ver a divisão das crianças entre meninos e meninas e também por idades! Talvez isso, por si só, talhe possibilidades de as pequenas vivenciarem a diversidade. As crianças têm uma potência de vida muito forte e nos convocam a acessar algo da leveza do jogo, algo sobre experimentação, sobre se permitir, sobre se aventurar; elas nos convidam a fazer algo pelo puro prazer e espanto de ser e de aprender, e para fazermos isso a nossa criança precisa estar disponível, emergente. Creio que essa sensação esteja totalmente relacionada com a definição de espontaneidade: quanto mais conectados com o momento presente, mais fácil é encontrar e viver esse estado.

A possibilidade de modificar uma dada situação ou de estabelecer uma nova situação implica em criar: produzir, a partir de algo que já é dado, alguma coisa nova. Criatividade é indissociável da espontaneidade. A espontaneidade é um fator que permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se. (Gonçalves, Almeida & Wolff, 1988, p. 47).

Os grupos terapêuticos são vias de mãos duplas onde tanto nós, estagiárias, quanto as crianças pudemos ter um espaço de desenvolvimento emocional. “A espontaneidade em si é inesgotável pelo fato de criar-se no instante, para cada circunstância. É função da terapia, tal como a concebe Moreno, evitar que as conservas culturais sufoquem a espontaneidade.” (Martín, 1996, p.125). Assim, sempre tivemos o cuidado de não reforçar determinados papéis sociais e de gênero que a conserva cultural projeta, especialmente, nestas crianças em vulnerabilidade social, apesar de, obviamente, elas se manifestarem na forma como brinca: “Todo resultado de um processo de criação ou de um ato criador pode cristalizar-se como conserva cultural. Conservas culturais são objetos materiais (incluindo-se obras de arte),

comportamentos, usos e costumes, que se mantêm idênticos, em uma dada cultura”.
(Gonçalves, Almeida & Wolff, 1988, p. 47).

3 brincar é político

Adulto: pessoa que em toda coisa que fala, vem primeiro ela. (8 anos); criança que cresceu muito. (8 anos); pessoa que fica obcecada em fazer amor. (11 anos); quando uma pessoa está morta. (8 anos). (Trechos do livro 'Casa das estrelas', 2013)⁴

Os documentários Tarja Branca (Rhoden, 2014), Território do Brincar (Reeks & Meirelles, 2015) e Terreiros do brincar (Reeks & Meirelles, 2017) exploram a importância da brincadeira num sentido amplo e cultural, e como as mudanças sociais e tecnológicas estão impactando a forma como as crianças e os adultos estão crescendo e se distanciando da experiência, liberdade e simbolização que a brincadeira propõe e sensibiliza em nós. Em Terreiros do brincar (Reeks & Meirelles, 2017), fica evidente que o brincante não é apenas a criança, pelo contrário, brincar é algo imprescindível para nós enquanto humanidade e parte da natureza precisamos da brincadeira. Brincar é força, é poder estar longe das vistas do controle; brincar é a preparação para as relações, é como ter um vitral nos olhos, com capacidade de enxergar além, através da imaginação. Brincar é também catarse, é poder suportar as mazelas e tragédias, pois a pessoa que brinca sustenta ainda alguma agência mesmo sobre a memória de eventos nas quais não teve possibilidade de ação, permitindo que algo a mais emergja das ruínas ao fazer dos destroços peças de um novo jogo.

A palavra brincar vem de brinco que significa vínculo, quando brincamos estamos fortalecendo vínculo conosco, com os outros, com a comunidade, pode ser através da arte, do carnaval, da música, do riso, do esporte: o lúdico promove essa possibilidade de participar da modulação de um território, um círculo mágico, afundar as mãos na sua terra e cultivá-lo coletivamente de modo a cultivar-cuidar o próprio coletivo (Rhoden, 2014).

Não estou aqui para romantizar a infância, existem inúmeros problemas que envolvem violência, abandono, trabalho infantil, racismo, machismo, lgbtqfobia e exclusão de crianças com deficiência, - violências estas que são também estruturais e de organização da sociedade - nesses contextos é quase difícil acreditar que pode haver espaço para o riso e o gozo que a brincadeira propõe, mas é bom lembrar que muitas vezes o território do brincar é um espaço no qual as violências do mundo também persistem e que o riso pode ser afiado como faca. Porém, mesmo as crianças em condições extremas de vulnerabilidade ou em outras situações de violações de direitos têm uma enorme capacidade de se reinventar e enorme resiliência para sobreviver às suas condições e a brincadeira estará presente nessa possibilidade de recriar sua

⁴NARANJO, J. *Casa das Estrelas: o universo contado pelas crianças*. Brasil: Foz, 2013.

realidade. Portanto, brincar é também morrer, matar, mentir, enterrar, entristecer, enlouquecer: as violências insistem muitas vezes no brincar, mas também é nestes territórios que as crianças podem muitas vezes deslocá-las. No trabalho com as crianças do SCFV, as ressignificações que elas traziam eram de extrema potência ao revelar suas questões mais profundas, e poder brincar com isso as fortalecia. Por isso brincar é agência coletiva, é política de vida que permite transformar realidades. Mas de nenhum modo é algo passivo, mágico e instantâneo, tampouco está por completo descolado do mundo e da experiência das crianças, mas incrementa as possibilidades de ação nestas realidades.

Vale a ressalva, a infância não é um paraíso; mas uma relação genuína e autêntica com a vida. Em certa medida, o papel de uma utopia é combater a adultidade que insiste em nos fazer esquecer a infância que nos habita. De modo afroperspectivista, o racismo não deixa de ser uma maneira de adulterar a percepção do mundo, uma distorção da realidade que retira a humanidade de algumas populações humanas, o que beneficia apenas as pessoas brancas. (Nogueira, 2020, p. 5).

Tomo a liberdade de abrir a reflexão: será que ocorre assim também com o gênero, onde apenas a cisheteronormatividade é legível na adultidade? Como Favero (2020, p. 35) atenta, não se busca igualar as questões “mas pensar como teorias marcadas por uma recusa ao ‘universal’ podem ser úteis para questionar não só a branquitude, mas a cisgeneridade, a heteronormatividade, etc.”. Brincar paradoxaliza a tentativa de cindir natureza e cultura e inviabiliza a tentativa de tomar qualquer uma delas enquanto estática ou essencial. A cultura e a natureza são devires, então aqui queremos através do brincar provocar pequenas rachaduras para que as configurações do gênero não sejam tão rígidas em nós e nas crianças. Assim, por que não brincar com o gênero? Por que não questionar meninos que não brincam de bonecas e meninas que não jogam futebol? Por que não atentar ao quão prontos estão sendo entregues os jogos e as brincadeiras para as crianças, mas também o quão pronto nós estamos buscando o nosso entretenimento?

3.1 brincar com gênero

Huizinga (2007) apresenta grupos religiosos e de outros tempos que brincavam através de seus cultos e ritos, com deuses e com a natureza. Ou seja, brincar com coisas sérias, belas e sagradas, e também com aquelas coisas temidas e consideradas terríveis ajuda a humanidade e a natureza na sua composição política e nas suas elaborações coletivas, principalmente sobre sua finitude e sobre os mistérios de não saber de todas as coisas: o brincar é uma forma de

investigar o desconhecido sem desfazer-se por completo da potência do mistério. A proposta da permissão para brincar com gênero aqui busca ampliar as condições de como lidamos com as infinitas e complexas relações e proposições da sexualidade e do gênero, especialmente com as crianças.

Ainda Huizinga (2007) nos apresenta que o jogo tem um propósito muito definido e importante: gerar divertimento, prazer, alegria, promover sensações agradáveis, essa é a potência do brincar. É o oposto da austeridade, é cheio de ritmo e harmonia, com repetição e alternância; é voluntário; é estar livre e integrado; todas sabem quando se está “só brincando”. Tem caráter desinteressado, não se preocupa com o resultado - que nem existe de imediato. Tem motivação, tem luta por algo ou a representação de algo. Tem ordem, ética e esforço para acabar com tensões ou conflitos prévios. Enquanto no mundo do trabalho em sua lógica moderno-capitalística a ação presente está sempre submetida ao planejamento do produto futuro, no brincar o gesto pode encontrar seu sentido em si mesmo e na trama gestual que lhe envolve naquele momento.

Repensar a percepção cristalizada que temos da Infância e das crianças, de como as instituições envolvidas com o cuidado/controlam limitam a possibilidade do devir-criança (Jódar & Gómez, 2002) para todas - pequenas e grandes, me parece imprescindível quando convivemos e trabalhamos com infância. Dentro disso, a forma como é limitado o repertório de permissões nas brincadeiras, atualmente, de forma geral, é preocupante. E, para além da possível atual redução dos territórios do brincar, se direcionarmos essa lente para o gênero e a sexualidade, mesmo mirando os tempos de nossas avós e bisavós, vemos muita rigidez e interdições estigmatizantes: é basicamente um dos assuntos que mais incomodam e, talvez, junto com o racismo são considerados temas que não são facilmente encarados, mediados e discutidos junto com as crianças, tal falta de interesse e preocupação fortalece os sistemas opressivos e perpetuação de violências. “Se assumirmos que a criança que ‘experimenta’ e é ‘livre’ para ‘descobrir’ precisa ser lida como trans, reconhecemos que o jogo da masculinidade e da feminilidade tem se dado através de um limitado vocabulário.” (Favero, 2020, p. 23). Talvez se fossemos capazes de despatologizar a transexualidade, de se desfazer da necessidade de encaixotar e diagnosticar comportamentos que diferem, não teríamos tanto pânico envolvido ao saber que existem crianças trans ou, simplesmente, ao lidar com a sexualidade infantil. Talvez um território do brincar menos minado por interditos de gênero fosse uma prática relevante para cultivar tal despatologização em nossos coletivos. Dentro da minha experiência com crianças através de instituições, - em uma escola particular, em um SCFV e um abrigo residencial- há pouco espaço e coragem para aprofundamento de tais problemáticas.

Serão nessas instituições que as relações de poder entre homens e mulheres, meninos e meninas se darão com grande intensidade, pelo discurso e por práticas de regulação de corpos e desejos. Ela constitui o primeiro centro social fora do núcleo familiar, onde a criança poderá colocar em questionamento ou confirmar as informações e visões de mundo ensinadas pelos familiares. (Silva Júnior, 2016, p. 258).

Uma conhecida contou uma história engraçada sobre seu filho de 6 anos. Ele estava muito interessado pelo balé na escolinha. Poucos meninos participavam dessa atividade extra, algumas famílias ficavam com o pé atrás e questionavam essa mãe. O que poderia significar um menino querer fazer balé e não futebol, por exemplo? Algumas mães disseram para investigar, entender o motivo desse interesse, provavelmente insinuando não apenas uma tendência homossexual, mas pior, insinuando que qualquer variação da cisheteronorma deveria ser objeto de “investigação”, como cansei de ouvir no contexto escolar. O menino achava graça da polêmica e disse que se sentia muito bem e importante no balé: ele era o único príncipe para dançar com todas as princesas.

Neste aspecto, o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina as expectativas dos papéis sociais. Com isso, o ballet foi feito para mulher e para homossexuais. Meninos que estão sendo construídos como masculinos e heterossexuais não podem fazer ballet. A própria expectativa da figura do professor/professora determina quem deve ou não participar das aulas. (Silva Júnior, 2016, p. 269).

Até na biblioteca o gênero pode ser polêmico. Uma bibliotecária foi chamada para intervir numa situação com um aluno que era muito leitor, mas que, agora, não se interessava mais por nada e não queria mais ler. O menino foi com o pai na biblioteca, a bibliotecária entrevistou os dois, viu que o pai era bastante insistente, um pouco invasivo, respondendo pelo filho, mas nada demais. Porém, o mistério foi desvendado quando a bibliotecária conversou com a professora do menino. Ela contou que desde a série pregressa, quando ele tinha 7 anos, o menino só se interessava por livros de menina. A bibliotecária interrompe:

“-Como assim livro de menina?”

“-Ah!” - lança a professora - “... livros de capa rosa e com fadas envolvidas.”

Na hora a bibliotecária entendeu! Orientado para não ler mais apenas esse “tipo” de temática, seu interesse pela leitura foi esvaziado. A bibliotecária conversou com a professora sobre não existir livros de meninas e de meninos e que seu interesse por fadas não seria, de modo algum, necessariamente, um motivo de preocupação, mas a professora disse que era para a família, que já havia colocado o menino em terapia para tentar reverter essa tendência homossexual.

Neste sentido, no espaço escolar, cisgeneridade, heterossexualidade e masculinidade se enlaçam e se transformam em um vínculo natural, dado e legitimado. É muito comum que não só os interesses, jogos, esportes e roupas se categorizem binariamente, mas a própria organização funcional dos grupos e espaços sejam fortemente dicotomizados pelo gênero.

Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero? (Preciado, 2013, p. 97).

Contei para uma mãe que admiro muito sobre o tema do meu TCC - na época ainda sem corpo e sem histórias. Então ela compartilhou comigo um pouco da sua experiência de ser mãe de um menino de 7 anos que é sensível e admirador das artes e das coisas bonitas, assim como ela. Ele gosta de pintar as unhas. E um dia ele pediu para que ela pintasse cada unha dele como um céu diferente: um céu nublado, um céu ensolarado, um céu com arco-íris, um céu estrelado e uma lua iluminada...” -Foi difícil pintar céus tão detalhados em unhas tão pequeninas”, me disse ela. Porém, dessa linda poesia em forma de unhas, o que marcou nessa história é que, saindo para almoçar com os avós, um menino menor perguntou para o filho dela se ele era uma menina porque pintava as unhas.

O singelo brincar com as cores das superfícies das unhas se faz, repentinamente, uma tensa performance ao olhar da cisheteronorma patriarcal que também habita as crianças. Para esse olhar normativo, o pintar das unhas seria abdicar de uma forma de ser considerada viril e masculina para adentrar perigosamente no território estereotipado e estigmatizado pela cisheteronorma misógina da “feminilidade”. Imagina, nem brincar de pintar a si mesmo a pessoa pode sem ser logo lida com seriedade abrupta pelas normas de gênero e sexualidade.

Certa vez uma amiga estava esperando seu segundo filho. O primogênito estava com pouco mais de um ano quando a notícia de que teria um irmãozinho veio à tona, o que, naturalmente, estava preocupando a família sobre como ele poderia compreender essa situação da melhor forma. Em uma conversa entre amigas apareceu a possibilidade de o irmão também ganhar um bebê como forma de lidar melhor com a novidade da divisão de atenção dos pais. Ou seja, dar uma boneca para ele cuidar/brincar. Minha amiga empalideceu, “-Como eu poderia dar uma boneca para o meu filho? O pai dele certamente não iria concordar”. Minha vontade foi dizer para ela: “Ah tá, então levem vocês dois, pai e mãe, essa questão para

a análise!”. E fiquei pensando depois se poderia o brincar ser a análise e a análise ser o brincar?

Devo destacar que este processo [de produção de identidades] se dá de formas sutis e quase imperceptíveis. Os jogos e as brincadeiras infantis nos mostram claramente como o pensamento hegemônico é reforçado e naturalizado [...] Butler (2004) nos mostra que entender gênero no contexto global pode nos permitir a combater falsas formas de universalismos. Principalmente porque, em nossas sociedades, as pessoas apenas se tornam compreensíveis quando se tornam generificadas nos padrões reconhecidos. (Silva Júnior, 2016, p. 259).

Duas colegas e amigas psicólogas fizeram um trabalho em grupo com adolescentes - meninas - da equipe de base de um time de futebol. A queixa da instituição era a possibilidade de estarem acontecendo casos de assédio e abuso por parte de homens da equipe. Num contexto tão masculino, o futebol para mulheres pode ser extremamente opressor e o abuso de poder ser um caminho para cativar as meninas de ter um futuro, uma carreira dentro do futebol. Pois bem, para surpresa de todos os adultos envolvidos, após poucos encontros o que realmente apareceu foi a falta de entrosamento do grupo. Algumas discórdias e inimizades acabavam enfraquecendo a coletividade e coesão do grupo, o que faz toda a diferença num esporte coletivo, onde é preciso confiar nas parceiras para colocar na cara do gol. Fiquei pensando, tantos e tantos anos colocando as mulheres umas contra as outras, né? Que até o futebol nos una, mulheres!

Voltando ao grupo que foi meu disparador inicial deste trabalho, me lembrei de uma cena em que há algo que desmorona o gênero em qualquer ambiente: baratas! Eis que surge uma barata e todos se tornam igualmente desesperados pelo medo e o nojo, seriam esses os sentimentos e reações mais primitivas que poderiam nos colocar como iguais, meninos e meninas e adultos e crianças? Gritos e subidas nas cadeiras: “-Quem foi que matou a barata que eu queria ter salvo?” Pois, afinal é apenas um inseto inofensivo, que carrega nossa própria sujidade e a perseverança do viver de migalhas. Meninos e meninas não podem brincar das mesmas coisas, há um código a desempenhar, há papéis a serem defendidos... Mas na hora da barata, as crianças são apenas crianças assim como adultos são apenas crianças, pedindo socorro. Ah! E quem matou a barata... Foi uma menina.

Nesta perspectiva, os papéis sociais começam a ser construídos a partir deste brincar sem compromisso com as regras sociais, mas, de certa forma, dentro das mesmas normas. As regras do cotidiano, transmutadas em veridades e criações próprias, podem ser vivenciadas e internalizadas por meio das brincadeiras que igualmente colocam em jogo o que é ser homem e o que é ser mulher. (Silva Júnior, 2016, p. 264).

Perceberam? Só as mães compartilharam histórias de seus meninos não podendo ser e brincar de certas coisas. Isso foi uma das descobertas desse trabalho, quando iniciei pensava em focar mais nas meninas e seus subjugamentos mesmo nas brincadeiras infantis, porém, rapidamente se vê que essas percepções hegemônicas e equivocadas do que é ser homem e mulher, mesmo na infância, afeta igualmente as crianças. Sendo assim, se percebe que a ampliação desse pensamento, aqui proposta através do brincar, é um desafio ainda maior quando se quer sair desse binarismo azul e rosa que permeia fortemente, comercial e emocionalmente a infância:

a visão heterossexuada do mundo na qual a sexualidade considerada como “normal” e “natural” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. As outras sexualidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais... são, no máximo, definidas, ou melhor, admitidas, como “diferentes”. (Welser-Lang, 2001, p. 460).

Eu certamente teria mais mil histórias de como o gênero nos atravessa muito antes de pensarmos sobre nossos gostos, possibilidades ou orientação sexual: meninos que querem ser a Ladybug tendem a sofrer bastante “bullying” de seus coleguinhas. Meninas que querem jogar os jogos estratégicos de cartinhas bonitas com personagens interessantes, como Yo-Gi-Oh!, talvez não sejam tão bem vindas nos campeonatos e larguem bem cedo a vida de nerds. Muitas são as histórias do quão raras são as mulheres nos campeonatos adultos destes jogos de fantasia (em cartas ou videogames) e do quão cultivadores da posição misógina se tornam tais espaços enquadrados na cisheteronorma patriarcal. (Duarte, 2018; Gaúcha, 2014).

O que o meu pai e minha mãe protegiam não eram os meus direitos de criança, mas as normas sexuais e de gênero que dolorosamente eles mesmos tinham internalizado, através de um sistema educativo e social que castigava todas as formas de dissidência com a ameaça, a intimidação, o castigo, e a morte. Eu tinha um pai e uma mãe, mas nenhum dos dois pôde proteger o meu direito à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade. (Preciado, 2013, p. 98-99).

Como lidamos com as crianças que já não querem ser meninas ou meninos? Como lidamos com a possibilidade de existência de crianças trans? O que nos fere tanto em pensar que a designação biológica pode ser mais frágil do que sempre nos foi dito? Ora, se algumas brincadeiras de criança podem colocar em jogo toda uma construção de sexualidade e gênero, me parece que apenas nascer com uma genitália ou outra não seja tão definitivo assim. O medo de brincar com o gênero evidencia a fragilidade narcísica dos tabus sociais que deliram serem leis da natureza.

Não falamos em crianças *cis* na mesma frequência que falamos em crianças *trans*. Por certo, há pouco interesse em estudar a cisgeneridade infantil porque esse estudo aparentemente seria redundante. A infância deve ser sempre cisgênera, o que vem depois é o desvio, o adoecimento, a perniciosidade. (Favero, 2020, p. 62).

Junto com Butler (2016), Favero pretende discutir a artificialidade que circunda o gênero. Alguns dos questionamentos é o que, de fato, faz diferença quando uma criança se desvia do brinquedo ou da cor adequada? Será que essa forma de pensamento não é um pensamento cisgênero, limitado? Ou seja, definir uma criança trans seria um entendimento homogêneo, que não configura todas as infâncias e, certamente, nem a Infância que aqui defendemos.

Se um menino está usando vestido ou coisas de meninas, não quer dizer que necessariamente ele seja gay ou trans. Se uma menina apresenta comportamento tido como masculinizado, isso também não quer dizer que ela seja trans ou lésbica.

Na verdade, ele ou ela, não estão se mostrando gays, lésbicas ou trans, estão sendo quem são. E tolir esse direito, de as crianças expressam livremente quem são, é impetrar muito sofrimento e uma série de situações violentas que podem levar a consequências devastadoras como se tornar uma pessoa introspectiva, depressão, automutilação, levar ao suicídio, etc. (Benevides, 2017, *online*).

Pelo que acompanhamos nas mídias sociais e na política, parece que um beijo gay influencia as crianças, mas a ampla exposição à sexualização precoce cisheteronormativa não. Favero (2020) ao longo de seu livro 'Crianças trans' vai questionar a quem interessa a transsexualização da infância, levantando questões importantes sobre como seria possível diferenciar uma infância viada de uma infância trans, por exemplo. Na seção em que brinca com a obra mais famosa de Butler “Probleminhas de gênero”, ela apresenta o paradoxo que envolve a importância da construção de identidades de gênero na infância ao mesmo tempo que isso pode limitá-las, como faz Butler (2016) com a universalidade das mulheres enquanto sujeitos do feminismo: “E porque não vemos como igualmente ameaçadora a identificação precoce dentro da cisgeneridade? Que uma criança se diga heterossexual também parece pouco ameaçador, mas que ela se situe como trans, aparentemente sim, constitui-se como algo problemático.” (Favero, 2020, p. 158). Nessa linha, uma simples propaganda alegando a liberdade de brincar protagonizada por duas pessoas que escapam ao esquadro cisheteronormativo se transforma em “polêmica” e “ameaça” nas repercussões das redes sociais e na política (Folha, 2022).

3.2 *brincar para transformar ou transformar brincando*

Quando Vergueiro afirma que cuidar das crianças hoje envolve questionar as produções de gênero na sociedade e na cultura (Favero, 2020), ela nos provoca a lançar alguns desses questionamentos que envolvem e envolveram a construção da problematização dessas histórias e escrita, e que pretende, a partir delas, gerar algum tipo de sentido e posicionamento. Como? Convidando para um brincar também com gênero, sem conflito. Explorar e construir através da flexibilidade de rearranjos do jogo, da potência da Infância, em conjunto com as crianças. Criar rachaduras no que se espera e se carrega dessas naturalizações de já nascer num mundo limitado entre rosa e azul. Numa relação horizontal com as crianças, enquanto cuidadores que também brincam, estar presentes para interrogar o *Cistema*, para fazer ‘caras e bocas’ frente a falas e atitudes preconceituosas, para questionar as frases que colocam o masculino ou o feminino, a homossexualidade e a cisgeneridade como formas únicas, dadas, prontas, fixas e imutáveis; ou, ainda, ações que ridicularizem as outras formas de ser criança, que não passam por essa padronização.

A quem é permitido experimentar o corpo? Por que os meninos são mais convidados e incentivados a usar o corpo? Seja pela forma como se vestem ou por não precisarem sempre estar “arrumados e bonitos”, eles podem se envolver mais facilmente em jogos que precisam de um corpo físico disponível. Brincar é da experiência, brincar é fazer no corpo, se aprende fazendo e, nesse caso, brincando; não se pode racionalizar, não passa somente pelo pensamento ou pela imagem. Então, se existe uma necessidade de manter certa aparência, há uma limitação envolvida. Especialmente crianças menores ganham muito quando usam seu próprio corpo em interação com a natureza ao brincar, são benefícios que não teríamos como contabilizar, pois muitas coisas da Infância não são visíveis. Além disso, quando não incentivamos as meninas, da mesma forma que incentivamos os meninos a serem radicais e aventureiras, por exemplo, também estamos enviando mensagens sobre controle e proteção, e conseqüentemente, sobre medo e coragem.

A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera. A polícia de gênero exige qualidades diferentes do menino e da menina. (Preciado, 2013, p. 98).

Proporcionar às meninas espaços seguros para elas poderem experimentar seu corpo em movimento com liberdade, com incentivo para que elas também possam sonhar em serem

jogadoras de futebol, lutadoras ou skatistas, - coisas que estão aos poucos ganhando espaço - mas sem a obrigatoriedade de serem boas ou profissionais, apenas pelo prazer de desenvolver seu aspecto mais concreto de potencial do corpo.

A quem é direcionada a passividade da submissão? Parece que até o tônus muscular de um adulto muda quando dá um colinho para um bebê menina ou um bebê menino. Desde antes do nascimento se impregna marcas de como devem se portar, se vestir, falar e sentir. Desde muito pequenas, as crianças já experimentam brincar a partir de certa modelagem, o que na maioria dos casos será de continuação, propagação de valores e crenças culturais. Assim, os meninos se veem rapidamente obrigados a se diferenciar da fragilidade das meninas, não podendo ser sensíveis ou chorosos. Então, o que deverão ser? Pode ser que não esteja explícito, mas a dominação, a misoginia e a homofobia estão também colocadas quando proibimos que eles se identifiquem com a forma que se considera “normal” ser menina ou feminina.

Descrevi como a educação dos meninos nos lugares monossexuados (pátios de colégios, clubes esportivos, cafés..., mas mais globalmente o conjunto de lugares aos quais os homens se atribuem a exclusividade de uso e/ou de presença) estrutura o masculino de maneira paradoxal e inculca nos pequenos homens a idéia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres. (Welser-Lang, 2001, p. 462).

Logo, a violência passa a ser compreendida como uma possibilidade de se relacionar, seja com seus pares meninos, seja para se diferenciar/afastar das meninas. Socos, empurrões e xingamentos se tornam uma forma de manifestar apreço entre homens. Uma educação, um cuidado, um acompanhamento, ou mesmo um atendimento de saúde ou social, se pautado na Infância e na espontaneidade, vai questionar esse lugar de destaque que a violência tem no campo da masculinidade, oportunizando que crianças e adultos possam experimentar outras formas de se relacionar e se expressar.

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal. (Welser-Lang, 2001, p. 465).

A busca aqui é que as crianças possam ver a riqueza de suas feminilidades e masculinidades, sem se preocupar se elas combinam com uma exigência do sexo biológico ou do gênero - construto cultural. Sem, necessariamente, produzir tensões ou disputas. A própria definição do brincar cria esse lugar potente e seguro, quase que protegido, embora não possa se

deslocar inteiramente da conserva cultural (Martín, 1996), e por isso capaz de gerar mudanças nas formas de relação das crianças com o mundo.

Nesse sentido, quando falamos da infância, devemos sempre considerar o lúdico que permeia as relações e constrói a subjetividade das crianças. Com Butler (2003) entendemos que as brincadeiras expressam os ideais normativos de comportamento, e são edificadas conforme a demanda do meio externo, que está em constante mutação. Nas brincadeiras ou fora delas, o uso de disfarces parece facilitar a vida das crianças, pois sentem-se incluídas pelas demais. (Baratto & Machado, 2017, p. 6).

Quais afetos e emoções são permitidos às meninas, quais são negadas aos meninos?

Uma das percepções mais interessantes no trabalho com as crianças no grupo, principalmente pela oportunidade que tínhamos ao compartilhar como nos sentimos nas brincadeiras, foi a confusão que fazemos entre nossas emoções. Eu tive dificuldade de comunicar minha raiva, confundindo com frustração e tristeza. Isso é muito comum entre as meninas. Por isso, mulheres podem experimentar mais dificuldade de estabelecer limites, de recusar e se revoltar contra as opressões, pois a raiva é de uma ordem proibida, vista como ruim, “pouco feminina”. Mulheres raivosas são estigmatizadas e ridicularizadas. Aos homens, a agressividade veste muito melhor, ou seja, para eles a tristeza e o medo são menos acessíveis e, por isso, a rejeição, por exemplo, é tão “resolvida” com o recurso da violência. Veja, o encaixe é “perfeito”, mulheres tristes e homens raivosos. Isso também pode ser construído na Infância, quando sem querer tratamos emoções diferentes se expressas por meninas ou meninos. No grupo, vi meninas que não se permitiam gritar, totalmente avessas a uma agressividade da própria brincadeira, como já narrei aqui. Porém para os meninos, agredir é entrar em contato e até essa tentativa de relação é bela, de algum modo. Enquanto adultos, somos agentes capazes de ajudar as crianças a identificar, nomear e separar esses afetos e emoções, que durante a vida toda podem surgir à flor da pele. “A Infância opera pelos desígnios da transformação, da produção de realidades porque reconfigura através de sua potência criadora. Um olhar infantil é capaz de se espantar diante do que é corriqueiro e enxergar coisas inusitadas nas situações mais regulares e ordinárias”. (Noguera, 2019, p. 135).

É condição humana, é condição da ordem da natureza: o instituto brincante (homo ludos) é o “estado existencial que nunca devemos perder”. (Huizinga, 2007; Noguera, 2019). A aposta aqui é confiar nessa força propulsora que (algumas) crianças exercem um pouco mais diretamente que nós, (a maioria das) adultas.

[...] a Infância é a emergência de um acontecimento que interrompe o fluxo corriqueiro das coisas, suscitando algo, ao mesmo tempo, ímpar e banal. Ímpar porque cada momento é único e extraordinário, e, banal porque tudo que acontece é ordinário e comum. Infância nos convida a reinventar o mundo [...]. (Nogueira, 2019, p.131).

Acreditamos na possibilidade de a brincadeira ampliar repertório e substituir respostas prontas. Confiamos na realidade suplementar segura e criativa que o jogo cria, podendo sutilmente multiplicar as possibilidades de atuação no mundo, ou seja, gerando efeitos diversos na conserva cultural, que é bastante rígida se pensarmos nas performances de gênero no geral, mas principalmente na infância. “O aparecimento de uma atuação espontânea e criativa proporciona a substituição de respostas prontas estereotipadas por respostas novas, diferentes e livres da conserva cultural, o que permite descobertas de novas formas de se lidar com uma mesma situação.” (Monteiro, 2021, *online*).

Não acreditamos na verdade absoluta e obrigatória nem mesmo da natureza biológica, enquanto determinante do campo das condutas e dos afetos, então, não vamos aceitar que a conserva cultural queira ter esse papel estático.

Nós defendemos o direito das crianças a não serem educadas exclusivamente como força de trabalho e de reprodução. Defendemos o direito das crianças e adolescentes a não serem considerados futuros produtores de esperma e futuros úteros. Defendemos o direito das crianças e dos adolescentes a serem subjetividades políticas que não se reduzem à identidade de gênero, sexo ou raça. (Preciado, 2013, p. 99).

Isso significa cultivar com as crianças espontaneidade e Infância, através do brincar. Algo que não é ensinado, nem imposto, algo que os animais e os velhos apreciam, algo que buscamos em jogos de futebol, no carnaval, no teatro, na dança, no bar, na rua e até na terapia. Algo que faz parte da nossa constituição de forma que jamais poderemos nomear.

O jogo se insere no psicodrama como uma técnica que propicia ao indivíduo expressar livremente as criações de seu mundo interno, realizando-as na forma de representação de um papel, ou por determinada atividade corporal. Assim, a produção mental de uma fantasia é objetivada. (Monteiro, 2021, *online*).

O que seria de nós sem brincar?

4 por ora...

Espírito é o aparelho que uma pessoa tem e que não sai num livro de ciências. (10 anos). Espírito é o que exerço todos os dias (11 anos). Espírito é o que precisamos para sobreviver na violência. (11 anos). (Trechos do livro 'Casa das estrelas', 2013)⁵

Para um fechamento não definitivo, ressalto a dificuldade de expressarmos a importância do brincar por si só. O fato de ser preponderantemente imaterial, abstrato, de ultrapassar uma ordem estritamente racional e, principalmente, o fato de não estar diretamente vinculado a uma lógica produtivista (o brincar é abraçado pelo capitalismo criativo apenas em função de uma possível capitalização da inventividade), dificulta a concretização do convencimento do seu papel fundamental na vida humana. Crianças, adultos, velhos, bichos de estimação... Brincar permite transbordar e precisamos ficar atentas com a falta de tempo e espaço para fazermos isso. O exercício do brincar é autorizado a criança, mas nem todas as crianças brincam, cada vez mais elas estão apenas ocupadas em serem alguma coisa no futuro. Para os adultos, há necessidade de se lutar pelo espaço do riso e da brincadeira. Mas sendo os adultos que estão no comando, na formação de coletivos, brincar é meio político para constituir comunidades. Brincar é meio para questionar as regras, tensionar verdades e certezas, fundamental aos seres vivos e políticos, desenhando experiências e possibilidades.

Reina dentro do terreno de jogo uma ordem específica e absoluta. E aqui chegamos a uma outra característica sua, mais positiva ainda: ele cria ordem e é ordem. Introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a ela “estraga o jogo”, privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. (Huizinga, 2007, *online*).

O jogo é algo do espírito, é anterior a cultura como vemos em Huizinga. Então, mantenho as questões: ele tem poder de modificar, exercer pressão na cultura, na conserva cultural? Se pudermos brincar com gênero, podemos criar espaços mais saudáveis para ser menina, menino ou não ser nenhum dos dois? Podemos ter espaço para ser criativos em relação a identidade de gênero também?

Deixo a reflexão sobre o quanto de adestramento e produtividade tem tido o nosso ensinar hoje em dia. Podemos ensinar a ser? Confio que o brincar pode ajudar. E se deixarmos as crianças brincar? Elas já vêm programas para isso ou nasceram para fazer vestibular? Brincar é urgente, brincar ajuda a improvisar, imaginar, ser espontâneo, adaptar, flexibilizar. Parece perigoso: viver na potência, fora da automação, da excessiva valorização do trabalho e da

⁵ NARANJO, J. *Casa das Estrelas: o universo contado pelas crianças*. Brasil: Foz, 2013.

utilidade. “Daí, a função da pedagogia estaria em emancipar, isto é, retirar a criança da condição de heteronomia e promover a sua autonomia.” (Noguera, 2017, p. 9). Por trás de tudo escrito aqui, tem algo de desvio, de apostar no poder de contar histórias e um tanto de fé.

Por fim, afroperspectividade significa criar conceitos africanos e indígenas para enriquecer o enfrentamento de problemas que corriqueiramente são pensados por meio de ideias ocidentais. Por outro lado, isto quer dizer: tecer provocações que destaquem possibilidades que infanciarizar traz para a vida. Formalizamos um convite para pensarmos afroperspectivamente sobre a infância, com a infância, a partir da infância e a seu favor, ainda que para isso, seja preciso ir contra ela e boa parte do que pensávamos a seu respeito. (Noguera & Barreto, 2018, p. 628).

Essa discussão poderia muito bem ser enriquecida, em outra oportunidade, se também trouxermos outras intersecções junto com a questão de gênero, como, por exemplo, pensar sobre a forma como as crianças brincam de acordo com seus outros marcadores de diferença: como raça, classe social e localização geopolítica que, com certeza, também atravessam a Infância e a espontaneidade.

Eu encerro com a exaltação do provérbio africano: ‘é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança’. Pensar a Infância a partir de Noguera é ampliar e expandir a capacidade de compreensão de termos que são e serão comumente usados na minha prática profissional. É acreditar na grupalidade, na transformação do nosso mundo e no mundo das próximas e fazer a nossa parte.

referências

- Baratto, C. C. & Machado, P. S. (2017). Diversidade de gênero na infância: uma revisão da literatura. *In: Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero* [congresso].
http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499476709_ARQUIVO_Trabalhofazendogenero2.pdf.
- Benevides, B. (2017). Como agir em casos de “Crianças LGBT”? *Transfeminismo*.
<https://transfeminismo.com/como-agir-em-casos-de-criancas-lgbt/>.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carvalho, V. (2018). Fotógrafa reflete sobre o efeito do marketing na percepção da identidade de gênero pelas crianças. *Hypeness*. <https://www.hypeness.com.br/2014/07/fotografo-mostra-a-exploracao-erronea-de-genero-feita-pelo-marketing/>.
- Costa, L. A. (2020). Narrar-se para se desgarrar do razoável: a ficção como dispositivo clínico-político ético-estético. *PARALELO 31*, n. 15.
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/21006/12956>.
- Duarte, I. (2018). Dia do Orgulho Nerd: a representatividade feminina em Magic. The Gathering. *Garotas Nerds*. <https://garotasnerds.com/representatividade-feminina-magic-the-gathering/>
- Favero, S. (2020). *Crianças trans: infâncias possíveis*. Salvador: Devires.
- Folha de São Paulo. (2022). *Vídeo da Ri Happy que incentiva brincadeiras sem gênero gera polêmica*. <https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2022/07/video-da-ri-happy-que-incentiva-brincadeiras-sem-genero-gera-polemica.shtml>.
- Gaúcha ZH. (2014). *Organização de campeonato de games causa polêmica ao separar homens e mulheres em torneio*. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/07/Organizacao-de-campeonato-de-games-causa-polemica-ao-separar-homens-e-mulheres-em-torneio-4543903.html>.

Gonçalves, C. S., Almeida, W. C. & Wolff, J. R. (1988). *Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. 2. ed. São Paulo: Ágora.

Huizinga, J. (2007). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.

Jódar, F. & Gómez, L. (2002). Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação.

Educação & Realidade, 27(2).

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914>

Martín, E. G. (1996). *Psicologia do encontro: J.L. Moreno*. São Paulo, Ágora.

Monteiro, R. F. (Org.) (2021). *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. 4. ed. São Paulo: Summus.

Nogueira, R. (2020). Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. *Childhood & Philosophy*, 16.

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512062978014>.

Nogueira, R. (2019). O poder da Infância: espiritualidade e política em afroperspectiva.

Momento: diálogos em educação, 28(1), 127-142.

<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806/5769>.

Nogueira, R. (2017). Pinóquio e Kiriku: infância(s) e educação nas filosofias de Kant e Ramose.

Revista AÚ, 2, 5-18.

<https://publicacoes.degase.rj.gov.br/index.php/revistaau/article/view/39/30>

Nogueira, R. (2018.) Prefácio: a infância é a causa da filosofia. In: Silva, W. L., Cardoso, R. C., Nogueira, R., Florargen, V. & Lopes, G. F. (Orgs.). *Assim disseram as crianças: dicionário transdisciplinar ilustrado por palavras filosóficas*. (pp. 9-11). Rio de Janeiro: Hexis.

Nogueira, R. & Barreto, M. (2018). infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *Childhood & Philosophy*, 14(31), 625-644.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/36200>.

- Pinto, A. C. B., Lima, É. O. & Costa, A. M. B. C. (2020). Um espaço para ser: sociopsicodrama em um abrigo para crianças. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 17(1), 137–154. <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/88>.
- Preciado, B. (2018). Quem defende a criança *queer*? *Jangada: Crítica / Literatura / Artes*, (1), 96-99. <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17>. [Tradução: F.F. Marcondes Nogueira].
- Reeks, D. & Meirelles, R. (Diretores). (2017). *Terreiros do brincar* [documentário]. Brasil: Maria Farinha Filmes. <https://www.videocamp.com/pt/movies/terreiros-do-brincar-2017>.
- Reeks, D. & Meirelles, R. (Diretores). (2015). *Território do brincar* [documentário]. Brasil: Maria Farinha Filmes. <https://www.videocamp.com/pt/movies/territorio-do-brincar>.
- Rhoden, C. (Diretor). (2014). *Tarja branca* [documentário]. Brasil: Maria Farinha Filmes. <https://www.videocamp.com/pt/movies/tarja-branca>.
- Silva Júnior, P. M. (2016). Entre jogos e brincadeiras se produzem os homens do amanhã: reflexões sobre o processo de construção das masculinidades na Educação Infantil. *Momento*, 25(1), 257-271. <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/6123>.
- Welser-Lang, D. (2021) A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 460-482. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>.